

SOTERIOLOGIA JUDAICO-CRISTÃ REDESENHADA NA OBRA INAUGURAL
DE ANTONIO CALLADO

JEWISH-CHRISTIAN SOTERIOLOGY IN THE INAUGURAL NOVEL BY
ANTONIO CALLADO

Geam Karlo-Gomes¹

RESUMO

O romance inaugural de Antonio Callado, *Assunção de Salviano*, está permeado pelo contexto das lutas camponesas no Nordeste. Especificamente, a obra sucede nos meados do século XX com um enredo que faz assistir o nascimento de um redentor dos camponeses. Nesse sentido, inquieta investigar como essa obra calladiana aglutina elementos simbólicos, arquetípicos e míticos da Bíblia Judaico-cristã para fabricar esse personagem.

Palavras-chave: O arquétipo do Redentor, Bíblia Judaico-cristã, Antonio Callado.

ABSTRACT

The inaugural novel by Antonio Callado, *Assunção de Salviano*, is permeated by the context of peasant struggles in the Northeast. Specifically, the story succeeds in the mid-twentieth century with a plot that sees the birth of a peasant redeemer. In this sense, it is concerned to investigate how this calladiana novel brings together symbolic, archetypal and mythical elements of the Judeo-Christian Bible to fabricate this character.

¹ Realiza Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFU. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (UEPB). Professor da Universidade de Pernambuco. Líder do ITESI - Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário (UPE).
geamk.upe@gmail.com

Keywords: The archetype of the Redeemer, Judeo-Christian Bible, Antonio Callado.

Nas primeiras páginas de *Assunção de Salviano* (1954), surge Júlio Salgado, um elemento do Partido Comunista no Norte e Nordeste do Brasil, dotado de um ateísmo declarado e defensor ferrenho de uma visão materialista da realidade. Em seguida, o narrador apresenta Manuel Salviano: uma figura central. Ele é marceneiro de Juazeiro, na Bahia, e tem ligações com o Partido Comunista, inclusive com um dos seus líderes: o próprio Salgado. Um dia, Salgado propôs a Salviano que se fingisse de beato a fim de conquistar a confiança da camada camponesa, roubando a influência que tinham até então os padres. Esse fingimento deveria durar certo tempo até revelar a mistificação ao povo, quando iria desmoralizar os padres e a Igreja. No entanto, essa travessia resulta na conversão de Manuel Salviano, tornando-se uma espécie de místico.

Com efeito, nessa abordagem, interessa enveredar tipicamente pelos arquétipos e mitos que compõem a intrigante aventura de Manuel Salviano para se camuflar de Redentor dos camponeses. Por meio de empréstimos de conversões bíblicas judaico-cristãs, essa personagem redesenha uma verdadeira apoteose soteriológica, simbolicamente significativa para o contexto em que se encontram os sertanejos sofredores.

Tudo ocorre assim: de pregação em pregação, Salviano insiste numa pedagogia do direito a terra, através da inspiração na dimensão arquetípica da Grande Mãe, *Tellus Mater*, e do retorno à Idade de Ouro, tendo permeações da imagística bíblica judaico-cristã. Esse personagem desenha sempre um discurso que é fruto de um desejo arquetípico radiante pela recordação de um passado de bem-aventurança, buscando condenar as condições do sertanejo sofredor, vítima da exploração dos coronéis. Visando alimentar esse sonho paradisíaco, ele propõe uma soteriologia – recriada a partir das Escrituras Sagradas – sobre a epifania de uma “nuvem de ouro”; visivelmente fundamentada em passagens das escrituras do Antigo Testamento:

–... Mas agora a agente esquece que a terra é de Deus e esquece de oferecer a Deus o que sai da terra que é D’Ele. Antigamente todo mundo era feliz e caía maná de coco e de mandioca nas caatingas da Bíblia mas o lavradores davam a Deus os primeiros carneirinhos que nasciam e os primeiros repolhos. Quem é que pensa nisto agora? No instantezinho em que quis encarar com Deus que baixou numa nuvem de ouro, trazendo a luz, um despotismo de luz, vi logo que nem podia pensar em olhar porque estava pisando numa terra que nunca deu a Deus nem sanhaço e nem uma vagem verde. Por isso é que ela foi ficando triste e seca (CALLADO, 1954, p. 80-81, sic).

Ao mencionar a perda de uma felicidade de um tempo de outrora, Salviano instiga os camponeses a acreditarem que toda miséria, seca e opressão que perduram nas terras do Sertão do São Francisco são culpa do próprio homem, em virtude de sua ingratidão a Deus. Ele busca incitar os camponeses para uma revolução em prol da terra, associando essa causa ao fundamento do direito bíblico judaico-cristão.

É em Gênesis que encontramos o pacto feito entre Deus e Abraão, prometendo fidelidade ao Povo de Israel contando que eles seguissem fielmente os mandamentos do seu Deus. Mas é em Deuteronômio e Jeremias onde Deus estabelece o direito divino da terra: “Seguirás estritamente a justiça, a fim de que vivas e possuas a terra que te dá Jeová, teu Deus” (Dt 16, 20). Uma terra “de onde brotaria leite e mel” (Jr 32:22-23).

No Antigo Testamento, desde o relato de Abel e Caim (Gênesis, 4: 1-16) há menção de sacrifícios em agradecimento a Deus. Os hebreus também foram nutridos por maná, o pão caído do céu, durante sua travessia pelo deserto (Êxodo, 16: 16-21). Mas foi Elias quem profetizou que não haveria mais orvalho nem chuva do céu enquanto o rei de Israel, Acab, continuasse adorando Baal, o deus cananeu, e não se lembrasse da aliança do povo com Deus. É exatamente no relato bíblico do profeta Elias, *Eliahu*: “Yaveh é Deus”, uma figura da grande significado para a história judaica, que Salviano encontra a matéria simbólico-arquetípica necessária para condenar os malefícios dos coronéis e grileiros. Elias foi quem profetizou contra a idolatria e as injustiças dos governantes. Tudo que ele profetizava, acontecia. Eis a imagem

arquetípica mais poderosa para sua farsa como falso “Redentor”. Era preciso se “vestir” desse profeta para conseguir convencer os camponeses de sua repentina conversão.

Elias foi quem de fato livrou o povo de todas as crenças pagãs, mas encontra um povo de Israel sem ter com o que se alimentar. Com a vasta seca, nada crescia, a não ser a fome e a escassez. Eram essas as “recompensas” para um povo pecador e idólatra.

Na tradição judaica,

Elias não é uma personagem do passado: está presente e acompanha Israel em seu longo e penoso peregrinar; está vivo na piedade judaica individual, como o mais próximo e familiar dos patronos celestiais. No rito de circuncisão, ainda hoje em dia, se deixa sempre um lugar vazio: está reservado a Elias (SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS, p. 3).

Trata-se do “lugar que o profeta Elias ocupa não no A. T. e tradição judaica, como também no N.T.”, e isso “o faz ser recordado nas obras dos Sacerdotes com frequência” (CALLADO, 1954, p.4).

No romance de Callado, há uma símile entre as condições dos camponeses do Sertão Nordestino e o povo sofredor de Israel. As difíceis situações de sobrevivências em terras áridas são sinalizadas pelo “profeta” Salviano como um sinal de pecado do povo contra Deus. Toda miséria e injustiça que assola o sertanejo são decorrentes das atitudes de homens que nunca doaram “a Deus nem sanhaço e nem uma vagem verde” (CALLADO, 1954, p.81), e por isso, não se sentem dignos de ver a aparição Divina. Em virtude do pecado, assim como Deus vai, gradativamente, mantendo distância comunicativa com o homem no decurso das Escrituras Sagradas, o “profeta” marceneiro penhora que o mesmo tem acontecido com os lavradores sertanejos, em virtude da ingratidão e dos pecados.

Como enfatiza Frye, o cerne dos profetas é o oráculo (FRYE, 2004). Salviano se utiliza dessa espécie de arte divinatória para anunciar o motivo da perda da felicidade paradisíaca do tempo bíblico, ao mesmo tempo em que acende a imagem arquetípica da busca pela bem-aventurança através da analogia com o alimento Divino: o maná. Essa palavra suscita forças dinâmicas

de poder e encantamento, potencializado pela nostalgia de um Paraíso Perdido que afeta profundamente o desejo dos camponeses por um devir de bonanças. O poder derivado do alimento Divino emana uma forma de magia pelo próprio uso dessa palavra para o contexto sertanejo, contribuindo para um certo controle sobre os camponeses. Essa energia mágica provoca o desejo de uma realidade utópica, profundamente capaz de interferir no ciclo natural das condições geográficas dessa região nordestina e do sistema social e político de um território marcado pela divisão de classes.

Nesse transbordante anúncio profético, a imagem mais intrigante para os camponeses é a declaração de um “despotismo de luz” (CALLADO, 1954, p.80), manifestada através do diálogo intertextual com a aparição bíblica de Deus para o profeta Elias. Mas como um homem tão ateu quanto aquele marceneiro, poderia agora falar de um Deus absoluto? Salviano parecia mesmo fazer de toda sua pregação “uma história de religião mesmo” (CALLADO, 1954, p.80), o que perturbava os camponeses, causando-lhes total estranheza. O narrador calladiano se encarrega de minuciar a reação dos lavradores e as novas empreitadas proféticas de Salviano para convencer os lavradores de sua “conversão”:

Sem nem mesmo querer olhar o Cancela e compreendendo pela cara dos outros que a estupefação era geral, Salviano pediu socorro às palavras, puxando à tona da memória histórias que tinha ouvido de conversões e que escarnecera ao ouvir.

– O fato que eu hoje queria contar a vocês é que no meio da caatinga, debaixo de um sol e rachar, eu **vi** aquela nuvem de ouro que veio descendo e nem **vi** a figura que estava nela porque brilhava demais, mas **vi** na terra a sombra de dois dedos compridos, uma sombra enorme, feito uma forquilha cobrindo facheiros e juremas e atravessando o rio. Ainda tentei **ver** de novo a figura porque uma coisa assim tão clara e tão cheia de luz devia ser o Santo lá da Lapa, mas qual! é muito mais fácil a gente dormir de olho aberto pregado num sol do meio-dia em ponto do que virar a cara, de pálpebra meio arriada, para uma nuvem daquela e uma coisa assim, que alumia como aquela nuvem, e eu então caí nos joelhos e fiquei tremendo... quando abri os olhos a nuvem de ouro tinha desaparecido mas a luz tinha sido tão forte que mesmo sol de rachar, que antes parecia tão forte, agora era feito uma bola escura. Eu procurei a nuvem e depois olhei no chão para ver a sombra da forquilha dos dedos de Deus mas a forquilha tinha

virado uma cruz do tamanho deste mundo, que cruzava o S. Francisco e se deitava na caatinga até as beiradas do horizonte. E mesmo feita de sombra, aquela cruz brilhava muito mais no chão do que o sol peço pendurado no céu (CALLADO, 1954, p. 65-66, sic, grifos nossos).

Nesse trecho, Manuel Salviano se aproxima ainda mais da figura do profeta do fogo, buscando no repertório bíblico o relato da manifestação de Deus a Elias. Esse símbolo arquetípico começa a funcionar como modelo de revigoração para a fé camponesa, apesar de todo estranhamento e espanto que a princípio lhes causara. Isso porque as histórias contadas por Salviano, inicialmente, mais pareciam escárnios. Porém, com toda sua “capacidade de representação dramática” (CALLADO, 1954, p.118) tão elogiada por Júlio Salgado e, visando mostrar que era um “messias” dos camponeses, dono de uma “imensa convicção religiosa” (CALLADO, 1954, p.117), o marceneiro cria um evento milagroso. Para isso, recorre às “memórias históricas” (CALLADO, 1954, p.65) que ouvira ou lera na Bíblia, anunciando uma aparição Divina de uma “nuvem de ouro”, uma espécie de paródia do relato bíblico judaico-cristão do profeta Elias no cume Carmelo.

Em analogia, a situação do povo de Israel no tempo do rei Acab apresenta um contexto semelhante ao do povo de Juazeiro da Bahia, configurado na trama de Callado. O solo sertanejo, onde predomina a vegetação da caatinga, assemelha-se ao castigo dado anunciado por Elias ao povo de Israel por ter abandonado a fé a Deus e seguido o deus Baal. Após três anos, Deus anuncia por meio de Elias a Acab que proverá chuva (1 Reis,18:1). Salviano, suplicando “socorro às palavras”, inventa a história de uma “nuvem de ouro” que suprirá as necessidades do chão sertanejo árido; e mais: uma nuvem provedora de uma luz irradiante, suficientemente forte para instigar o povo a lutar contra a opressão dos coronéis, como era o maior objetivo da “Operação Canudos”. Diferente de Elias, Salviano faz da história de fé do profeta bíblico, uma história de uma escarnecedora conversão, buscando enganar os pobres camponeses. A pregação sobre a visão da “nuvem de ouro”, por conseguinte, soa aos ouvidos dos lavradores como sinal de esperança. Uma espera de bênçãos e prosperidades vindouras. Simboliza também a possibilidade de um retorno a um passado de bonanças que só seria

possível pelo retorno de passado paradisíaco como a do tempo em que os homens viviam no simbólico Éden.

De acordo com Frye, o simbolismo celeste, alquímico e apocalíptico, é do mesmo tipo, relacionado à alma do homem e união com Deus (FRYE, 1957). Ao mencionar a “nuvem de ouro”, Salviano se apropria de uma simbologia apocalíptica e alquímica do centro do mundo espiritual, criando uma falsa ilusão de que sua alma estava em circunferência com a união Divina. E mais: pretendia convencer os camponeses que ele era o Redentor, de alma humana pura. O escolhido, o eleito, o ungido e o mensageiro do camponês oprimido, uma espécie de “profeta” que vem transmutar o sertão em ouro e assim, fazendo brilhar “muito mais no chão do que o Sol” (CALLADO, 1954, p. 66), como uma “quinta-essência”, semelhante aos corpos celestes. Em outras palavras, trata-se de uma criação do executor da “Operação Canudos” – assim como se chamava o plano da personagem Salgado e Salviano – que é capaz de fascinar os lavradores tão injustiçados, graças a uma legítima “manifestação” de misericórdia Divina pela alma do homem.

Sabendo da força que essa visão provocara aos camponeses, Salviano parece se lembrar da passagem bíblica judaico-cristã que se refere ao milagre da abundância da chuva, após o sacrifício de Elias e os sacerdotes de Baal no monte Carmelo (1 Reis, 18: 19-39). Nesse relato, após o novilho se consumir através da forte oração de Elias, provando que o seu Deus é o verdadeiro, este mesmo profeta ordena a Acab: “Sobe, come e bebe, porque ruído há duma abundante chuva” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 517; 1 Reis, 18:43). A alusão de Salviano a essa passagem se torna mais evidente no decorrer da passagem do romance acima, associando os elementos “nuvem”, “dedos compridos” e “caí nos joelhos”, eventos também sucedidos no relato do profeta Elias. Assim como o marceneiro-profeta “nem podia pensar em olhar” o “despotismo de luz”, Elias, no cume do Carmelo, inclinava-se por terra, como o rosto entre os joelhos (1 Reis, 18:42). Por várias vezes, Elias olha em direção ao mar a fim de avistar, na sétima vez, uma pequena nuvem, “como a mão de um homem, subindo do mar” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 517; 1 Reis, 18: 44). Após isso, os céus, cheios de nuvens e vento fizeram descer grande chuva (1 Reis, 18: 45).

Ora, Salviano se apropria dessa tradição judaico-cristã de fé e insistência de Elias para instigar a fé do homem camponês. Eles deveriam sentir que, mesmo onde não há horizontes para perspectivas – apenas um clima desfavorável às plantações –, só por meio da fé se pode enxergar a “nuvem de ouro”. Para isso, acrescenta a figura comprida, enorme, isto é, o próprio Salvador: o “Santo lá da Lapa”. Uma epifania de um Deus amoroso capaz de prover uma mudança climática de abundante chuva para regar toda a terra e trazer o alívio ao sofrimento do camponês; a partir da provisão de muita fartura e prosperidade.

Nutrido de toda essa bacia semântica, fortemente significativa para os judeus e cristãos, e dos elementos celestes como a “luz” e a “nuvem”, Salviano inventa uma epifania milagrosa da “nuvem de ouro”, brilhando tão intensamente que não se podia ver a figura que nela estava presente. Nesse anúncio apocalíptico, a luz absoluta assume a condição da própria presença Divina. O que também colabora para fortalecer a fé dos camponeses, ao remeter aquela aparição ao imenso poder do Criador, tão esplêndido que não se conseguira ver, tão intensa era o seu brilho.

Toda investida para se disfarçar de falso Redentor dos camponeses fora planejada por Manuel Salviano há alguns dias, quando ele se concentrou e “ficou alguns minutos perdido dentro de si mesmo” onde, “finalmente, abriu os olhos e a Bíblia, onde a marcara: no Livro de Jó” (CALLADO, 1954, p.88). Um livro capaz de revelar todo o despotismo Divino, onde sucede o diálogo entre Deus e o homem:

Eis que Deus exalta com sua força, quem ensina como ele? [...] Com as mãos encobre a luz, e a proíbe de passar por entre elas (BÍBLIA DE PROMESSAS, 749; Jó, 36: 22; 32). Ele o envia [o somido que sai da sua boca] por debaixo de todos os céus, e a sua luz até os confins da terra. [...] Também com a humidade carrega as grossas nuvens, e esparge a nuvem da sua luz. [...] Por ventura sabes tu como Deus opera, e faz resplandecer a luz da sua nuvem? Tens tu notícia do equilíbrio das grossas nuvens e das maravilhas daquele que é perfeito nos conhecimentos? [...] O esplendor de ouro vem do norte; pois em Deus há uma tremenda majestade (CALLADO, 1954, 749-750; Jó, 37: 3; 11; 15-16; 22).

É também nesse trecho de forte tradição judaico-cristã que Salviano encontra os fundamentos do controle de Deus sobre todos os fenômenos da natureza².

Além disso, a nuvem contém significado simbólico da manifestação do próprio poder Divino. Para Frye, o deus, como metáfora, identifica uma personalidade através de um elemento da natureza (FRYE, 2004). O relato do profeta Elias mostra que vários fenômenos da natureza sucedem, mas Deus não estava neles presente. No entanto, através de voz suave, dirige-se a Elias³. A manifestação ou testemunho de presenciar a figura do Senhor pode ser encontrada também em outros relatos das Escrituras. Assim como Elias, Moisés também temeu ao olhar a sarça ardente (Êxodo, 3: 1-6). Tanto Gedeão como os pais de Sansão advertem que ver a figura do Senhor é mortal (Juízes, 6: 23; 13: 22). Mas são Isaías e Malaquias quem afirmam ver o Senhor sentado num alto e elevado trono (Isaías, 6 e Ezequiel, 1), embora no Novo Testamento João afirme que Deus, o Filho unigênito, jamais foi visto (João, 1: 18). De modo contraditório, consonante Frye, essas visões apresentam uma importância tão grande a ponto de serem considerados atos revolucionários, na relação entre as metáforas do ouvido e as metáforas da visão. Sobre a palavra de Deus não se encontra problema algum. Todavia, quanto à visão da figura de Deus, essa merece correção por se tratar de um anjo de Deus apenas ou pode ser encarada com ansiedade (FRYE, 2004).

² O poder de Deus sobre todas as coisas se apresenta com bastante nitidez também em passagens seguintes do livro de Jó. Deus se dirige a Jó questionando quem tem o poder sobre tudo que fora por Ele criado: “Quem abriu para a inundação um leito, e um caminho para os relâmpagos dos trovões, Para chover sobre a terra, onde não há ninguém, e no deserto, em que não há gente; Para fartar a terra deserta e assolada, e para fazer crescer os renovos da erva? A chuva porventura tem pai? Ou quem gera as gistas do orvalho? De que ventre procede o gelo? E quem gera a geada do céu?” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 751; Jó, 38: 25-29).

³ No Horebe, “o monte de Deus”, Elias entrou numa caverna para passar a noite. Para ver a face de Deus, sai e “eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor, porém o Senhor não estava no vento, e depois do vento um terremoto; e depois do terremoto um fogo, porém também o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada. E sucedeu que, ouvindo-a Elias, envolveu o seu rosto na sua capa, e saiu para fora, e pôs-se à entrada da caverna. E eis que veio a ele uma voz que dizia: Que fazes aqui, Elias?” (BÍBLIA DE PROMESSAS, 518; 1 Reis, 19: 8 – 13).

Tratando dos deuses, símbolos e ritos celestes, Mircea Eliade comenta que a história religiosa de Javé na fé judaico-cristã é bastante complexa. Seu poder está presente como única realidade de forma absoluta, sem limites:

Como soberano incontestado, mede a sua misericórdia ou a sua cólera a seu bel-prazer; e esta liberdade absoluta do Senhor é a revelação mais efetiva da sua transcendência e da sua autonomia absoluta; pois, quanto ao Senhor, 'nada o obriga', nada o constrange, nem sequer as boas ações e o respeito pelas suas próprias leis (ELIADE, 2008, p.86-87).

Como Senhor Absoluto de todas as coisas, Deus manifesta seu poder em fenômenos naturais. Ainda no Antigo Testamento, quando Moisés aprontou um tabernáculo e o altar, a glória do Senhor os encobriu. Uma nuvem cobriu a tenda durante o dia, e o fogo durante a noite; e assim Moisés não podia mais entrar na congregação, visto que sobre ela pairava a nuvem, enchendo de glória o tabernáculo (Êxodo, 40: 33-38). Nos escritos do Novo Testamento há previsões de que a segunda vinda de Jesus Cristo, que lavou com seu sangue os pecados humanos, virá com as nuvens, para todo olho ver e se lamentar sobre Ele. (Apocalipse, 1:5-7).

A inventiva epifania de Manuel Salviano se nutre de toda essa imagística bíblica e parece anunciar a Segunda Vinda de Jesus, emblemática e plenamente significativa para a Doutrina cristã. O formato da nuvem não se assemelha mais a mão de um homem, como no relato bíblico, mas uma forma sagrada, uma sombra enigmática de dedos compridos em formato de “forquilha” a cobrir toda vegetação sertaneja e o rio São Francisco; uma metáfora de grandiosa proteção do “Santo da Lapa”. Trata-se de uma mística suficientemente potente para arrastar a multidão camponesa e fazer de Salviano um “homem alumiado do céu” (CALLADO, 1954, p.79, sic).

Esse inusitado milagre criado por Salviano também mantém associação significativa com outras passagens das Escrituras Sagradas, talvez revelando o novo Salviano “polido, paciente, dedo na Bíblia” (CALLADO, 1954, p.88, sic) na busca frenética de repertório para sua farsa. Eram instantes em que ele fechava seus olhos e deixava “o espírito fugir, por um rápido instante que

fosse, às regiões que vivem tinindo de vida nas profundas da gente, em meio ao maior silêncio” (CALLADO, 1954, p.88, sic).

Nesses instantes, é possível que as leituras de Salviano tenham se enveredado também pelo Novo Testamento, tendo em vista a presença de elementos simbólicos da história de Saulo de Tarso na inventiva conversão do marceneiro ateu.

No livro de Atos dos Apóstolos, cujas principais personagens são Pedro e Paulo (o último anteriormente chamado de Saulo), encontra-se uma narrativa que se inicia com a Ascensão, com maiores detalhes do que no Evangelho de João, a vinda do Espírito Santo e as primeiras pregações dos Apóstolos em Jerusalém (CECHINATO, 1995). Neste livro bíblico, quando Saulo chega perto de Damasco, na tentativa de prender os seguidores de Jesus, uma luz do céu o cerca num resplendor que o faz cair por terra. Nesse instante, Jesus o questiona por que Saulo o persegue. Ao levantar da terra, Saulo estava completamente cego e pergunta o que o Senhor quer que ele faça. Jesus ordena que ele entre em Damasco (Atos, 9: 3-8).

No romance de Callado, o marceneiro inventa a história de uma “nuvem de ouro” onde não se podia ver uma figura que nela estava “porque brilhava demais”. Mas afirma que aquela figura devia ser mesmo o “Santo lá da Lapa” e por isso, com grande temor, cai “de joelhos e fica tremendo”. Salviano não ficara completamente cego como Saulo, mas o Sol forte a castigar o sertão “imprime” em seus olhos uma “bola escura” em virtude daquela aparição de brilho tão intenso. E assim, acrescenta aos camponeses que a forquilha se transforma numa cruz, grande o suficiente para cruzar todo o São Francisco a trazer o brilho de esperança na caatinga do sertão, brilhando até mais que o Sol, com o intuito de fazer daquela inventiva milagrosa um motivo de sua recente “conversão”.

Nesse sentido, a conversão de Salviano na caatinga do Sertão é inventada a partir da apropriação dos mecanismos simbólicos presentes na conversão de Saulo no caminho de Damasco. Saulo, de perseguidor dos cristãos, torna-se perseguido pelos judeus. Antes Saulo, torna-se Paulo. Salviano, de perseguidor dos padres e da Igreja em Juazeiro e Petrolina, torna-

se, aos olhos dos camponeses, um seguidor de Cristo. De marceneiro, ateu e revolucionário, torna-se um homem religioso, seguidor do Messias, “um santeiro escavando a madeira onde está fazendo um profeta” (CALLADO, 1954, p. 59, sic). Emanando pelo nível do imaginário religioso, cria um intercâmbio com o itinerário de Saulo de Tarso da História do Cristianismo. A História de Saulo se transforma em linguagem mítica capaz de servir de modelo para organizar o inventivo relato de conversão do novo “profeta” dos camponeses de Juazeiro: Manuel Salviano. Por essa razão, essa súbita transformação da personagem pode ser considerada uma espécie de “conversão sauloânica”.

Inconformada com essa repentina conversão do esposo, Irma decide ir ao paiol no sítio do João da Cancela, onde ocorriam as pregações. Em sua visão tipicamente burguesa, via o cenário como algo aterrorizante:

Irma ouviu por perto um soluço roufenho, falhado, e um som de choro gorado. Era um homem de cara tão ruída pela boubá que mostrava à luz nos tremores da glote descoberta, a tentativa que faziam os soluções de tomar forma e voz. Um asco e um terror inomináveis empolgaram Irma, que só queria ter poderes para calar, naquele mesmo instante, Salviano, e obriga-lo a ouvir o que tinha a lhe dizer. Misturando-se com aquela turba, ele, Manuel, caboclo limpo, quase branco, decente! Os olhos de Irma, que haviam descido ao máximo horror diante do precipício de carne viva em que tinha se transformado a cara daquele homem ali perto, buscavam agora os olhos de outros romeiros, marcados de tracoma, os pescoços estofados em papeira, a giba dos corcundas e as risadas das particulares e incomunicáveis dos malucos. Colecionava aqueles pavores como argumentos que usaria para reforçar o que tinha a dizer a Manuel (CALLADO, 1954, p.81, sic).

Nesse trecho, Irma demonstra veemente discriminação pelos enfermos romeiros do “São Salviano” (CALLADO, 1954, p.125, sic). Trata-se de um cenário perturbador a clamar milagres do falso santo, semelhante a algumas narrativas dos Evangelhos bíblicos, em que Jesus realizava tais obras. Mas Irma apenas buscava observar atentamente todo cenário aterrorizador, montando argumentos que fizesse Salviano explicar o que estava sucedendo.

Dias depois, é o líder do Partido que presencia uma das proezas do mais recente “profeta milagreiro”. Num cenário semelhante ao que encontrou

Irma, incomodado com as declarações religiosas de Salviano e aterrorizado pelo alvoroço dos romeiros a clamar o nome do novo “messias”,

JÚLIO SALGADO saiu bruscamente da confusão e do pasmo que sentira ao ouvir as palavras de Salviano porque levou uma paulada do lado direito da cabeça. Voltou-se de golpe, sobressaltado, e viu que o que lhe batera na cabeça era a muleta tosca que um parálítico andrajoso atirara nos ares. Em torno do parálítico a multidão fizera uma clareira, uma roda, para ver o homem andar, trôpego, com passinhos miúdos, mas andar. De repente, enquanto vários se prosternavam e batiam no peito, subiu da multidão um grito:

– Milagre! Foi milagre!

Daqui e dali vozes se ergueram:

– Outro milagre!

Esganiçado e histérico, dominou os demais gritos o apito agudo de uma voz de mulher doida:

– São Salviano, meu santinho, dá luz p'ros meus óio! Tu deu força p'ras pernas deste homem, São Salvianinho! (CALLADO, 1954, p. 125, sic).

Nesse trecho, o misticismo religioso aflora o cenário sertanejo através de supostos milagres, aproximando Salviano ainda mais da figura do Messias. Em meio à farsa da “Operação Canudos”, sucede um milagre similar ao dos Evangelhos da Bíblia, com um domínio significativo muito próximo dos que ocorria por intermédio de Jesus. Numa associação significativa, encontram-se nos Evangelhos: a cura do criado parálítico em Cafarnaum (Mateus, 8: 5-10), o milagre da cura do parálítico que desceu pelo telhado (Lucas, 5:17-26) e a cura do parálítico no tanque de Betesda (João, 5: 1-9), entre outros. Em ambos está presente o signo da fé como condição essencial para suceder essas maravilhas. Em *Assunção de Salviano*, essa mesma atmosfera toma conta de todos os romeiros, saudando e glorificando o novo “santinho”, fato que colabora para intensificar ainda mais a fé do camponês na figura “Redentora” que passa a representar Salviano. Ele mesmo começa a ficar surpreso e fascinado diante de fenômenos tão confusos.

O narrador atento explica que o ocorrido gera em Salviano um instantâneo sentimento paradoxal:

Quando Manuel Salviano, meio tímido depois do seu arroubo, olhou em torno, viu que todos – mesmo o Cancela – o olhava com os olhos que nunca haviam tido, nem na hora das

melhores histórias. Compreendeu num relance, com delícia e com um terror inexplicável, que Júlio Salgado sabia o que dizia. Se metesse na cabeça daquela gente que era Deus que estavam seguindo, iriam a qualquer parte. Ah, era preciso aproveitar aquela abusão para livrá-los dos padres. Quando chegasse o dia, em Petrolina, eles iam ficar envergonhados de ter engolido tanta mentira e se tornariam homens de verdade. E, confiando na apoteose a vir, **Manuel Salviano, agora muito ancho, fez da história da sua conversão e da aparição na nuvem de ouro uma espécie de antologia de tudo quanto ouvira em matéria de conversões milagrosas** (CALLADO, 1954, p.66, sic, grifo nosso).

Consumido pelo prazer e pelo pavor inominável, Salviano se depara com duas descobertas: a primeira era que suas pregações tinham sobre os camponeses um efeito impressionante; e a segunda, era o quanto Salgado estava certo sobre a força da alienação religiosa para conquistar aliados para o propósito do Partido. Do mesmo modo, também dois grandes motivos o deixavam orgulhoso, confiante e predestinado a executar o plano “Operação Canudos”: a grande descoberta apoteótica a ocorrer no dia da procissão de Nossa Senhora da Glória; e sua fama de santeiro, através de uma verdadeira antologia das conversões milagrosas cristãs.

Essas conversões híbridas passam a funcionar como máscaras constituintes para ocultar seu verdadeiro intuito revolucionário, enquanto a “nuvem de ouro” se torna o símbolo da veracidade existencial do profeta sertanejo. “Camuflado” nessa simbologia mística e enigmática, Manuel Salviano se insere num círculo sagrado que reúne elementos da simbologia de origem judaico-cristã e da geografia e cultura do Sertão Nordestino, apresentando-se por meio de uma atmosfera messiânica. Isso se justifica pelo conglomerado de narrativas bíblicas lidas pela personagem para criar uma bacia semântica de “conversão” que é fruto de um híbrido universo mítico-simbólico, forte o suficiente para “vestir” Salviano de um misticismo soteriológico capaz de ludibriar a fé dos sertanejos.

Referências

BÍBLIA DE PROMESSAS. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2006.

CALLADO, Antonio. *Assunção de Salviano*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

CECHINATO, Pe. Luiz. *Conheça melhor a Bíblia: noções gerais da Bíblia em linguagem popular*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

_____. *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

KARLO-GOMES, Geam. *O mito do Paraíso Perdido em Assunção de Salviano: um conflito entre o Comunismo e o Cristianismo*. Revista Sociopoética, V. 1, N. 18, Janeiro – Junho, 2017. p.1-32.

_____. ; RIBEIRO, Maria Goretti. Imaginário Comunista x Cristão e seus Ímpetos de Efervescência Onírica em *Assunção de Salviano*, de Antonio Callado. In: ARENDT, João Claudio... et al. (orgs.). *Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. Novas vozes. Novas linguagens. Novas leituras*. [recurso eletrônico] : anais do III Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. v.2 – Trabalhos completos. Caxias do Sul, RS : UCS, 2016.

SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS. *O Profeta Elias*. Disponível em <http://www.sca.org.br/uploads/news/id127/ProfetaElias.pdf>. Acesso em: 8. Out. 2017.